

COMPREENDENDO O PROCESSO EDUCACIONAL: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E DOS SABERES NECESSÁRIOS A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Graciely Kuhn ¹

Daiana Raquel Paschoali ²

RESUMO: O presente artigo, tem como finalidade compreender o processo histórico educacional, bem como contribuir para as reflexões no que diz respeito a educação humanizadora. Para tanto, faz-se considerações em torno das tendências pedagógicas, que ainda tem grande influência na educação atual, compreendendo suas características, refletindo sobre as mudanças no processo educativo, que vão desde o professor como sendo o centro das aprendizagens, até o aluno como protagonista deste processo. Além disso, oportuniza reflexões em torno dos sete saberes necessários a educação do futuro, para entendermos o verdadeiro papel do educador no século XXI. Autores como Libâneo (1992; 1994); Queiroz e Moita (2007); Morin (2002; 2013) e Strieder (2002), alicerçam as reflexões propostas nesse estudo.

Palavras-chave: Tendências pedagógicas; Saberes necessários a educação do futuro; Desafios educacionais; Afetividade.

ABSTRACT: This article aims to understand the historical educational process, as well as to contribute to the reflections regarding humanizing education. In order to do that, we consider pedagogical trends, which still have a great influence on the current education, understanding its characteristics, reflecting about changes in the educational process, ranging from the teacher as the center of learning, to the student as a protagonist of this process. In the same time, it offers reflections about seven knowledges necessary to educate in the future, to understand the true role of the educator in the 21st century. Authors such as Libâneo (1992; 1994); Queiroz and Moita (2007); Morin (2002; 2013) and Strieder (2002), based the reflections proposed in this study.

Keywords: Pedagogical trends; Necessary knowledge of the education of the future; Educational challenges; Affectivity.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: gracielyk@outlook.com.

² Professora do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: daiapaschoali@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Educar no século XXI, com certeza não é tarefa fácil, uma vez que os professores são cada vez mais desafiados pela sociedade a cumprir funções, exercendo em alguns casos atividades e papéis que precisariam ser desenvolvidos pelas famílias. Atualmente cabe ao professor não apenas mediar conteúdos, mas acima de tudo, dar atenção aos seus alunos e fazê-los aprenderem de forma prazerosa, desenvolvendo o campo cognitivo, emocional, espiritual e psicomotor.

Durante seu processo histórico, a educação sofreu várias mudanças que tiveram como objetivo melhorar a qualidade da educação dos educandos. Estas, chamadas de tendências pedagógicas, possuem suas particularidades e seus objetivos específicos, e é imprescindível conhecermos as mesmas, assim como, termos um olhar para com os sete saberes necessários a educação do futuro para entendermos melhor a educação do século XXI. Isto porque, com as tecnologias tomando conta do mundo social, o professor necessita cada vez mais proporcionar momentos que envolvam a emoção e a sensibilidade de seus alunos, humanizando-os.

Desta maneira, é necessário entendermos que atualmente, além de trabalhar aspectos cognitivos, a escola tem grande relevância no que diz respeito a trabalhar atividades que permitam ao aluno desenvolver-se como um ser humano integral, sabendo conviver e relacionar-se com o próximo de forma harmônica, tendo atitudes cooperativas, assim como, precisa ensinar a lidar com suas emoções. Percebe-se desta maneira quão desafiador torna-se a tarefa de educar para humanizar.

O artigo em questão, é uma abordagem teórica sobre os desafios enfrentados em anos anteriores pela educação, bem como, o desafio atual de proporcionar uma educação mais humanizadora. A escrita surgiu a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, produzido durante o sétimo semestre do curso de Pedagogia. Autores como: Libâneo (1992); Queiroz e Moita (2007); Freire (1996; 2011); Morin (2002; 2013); Strieder (2002) e Carvalho (2015), alicerçam a escrita.

1.1 REFLEXÕES INICIAIS SOBRE AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: COMPREENDENDO O PROCESSO HISTÓRICO EDUCACIONAL

Para que de fato possamos entender o papel da educação no século XXI, precisamos antes de tudo compreender como era a educação “antigamente”³ e as mudanças que aconteceram durante o processo histórico. Desta maneira, torna-se importante relatar as tendências pedagógicas, que tiveram grande influência sobre as práticas pedagógicas com o objetivo de atender às expectativas da sociedade.

Vejamos quais as tendências existentes: Liberal Tradicional, Liberal Renovada, Liberal Renovada Não-diretiva, Liberal Tecnicista, Progressista Libertadora, Progressista Libertária e Crítico social dos conteúdos ou histórico-crítica.

Presente desde a época dos jesuítas, a tendência liberal tradicional:

[...] sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento da cultura individual (LIBÂNEO, 1992, p. 2).

De acordo com o citado, os alunos aprendiam apenas aquilo que a sociedade considerava ser importante, pois “Para os liberais, a educação e o saber já produzidos (conteúdos) são mais importantes que a experiência vivida pelos educandos no processo pelo qual ele aprende. Dessa forma, os liberais, contribuiriam para manter o saber como instrumento de poder entre dominador e dominado” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 3).

Entende-se então, que na tendência liberal tradicional o professor repassava os conteúdos e os alunos tinham que memorizá-los para assumirem sua posição diante da sociedade:

[...] o compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem. Assim, os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades e conquistar seu lugar junto aos mais capazes. Caso não consigam, devem procurar o ensino mais profissionalizante (LIBÂNEO, 1992, p. 3).

Tanto que, como nos afirmam Queiroz e Moita (2007) os alunos não poderiam questionar seus professores, tinham de concordar com tudo, pelo fato de que os professores eram considerados o centro de tudo e somente eles tinham o conhecimento para repassar aos

³ Como os professores atuavam em sala de aula em anos anteriores.

alunos. O objetivo principal da escola era preparar os educandos para assumirem papéis importantes na sociedade, ensinando o conhecimento moral e intelectual. O professor tinha de vigiar seus alunos, ensinando os conteúdos e matérias, aconselhando-os e também corrigindo-os, seguindo sempre uma sequência de repetição e memorização, pois, os alunos eram considerados papéis em branco nos quais o conhecimento era impresso.

Percebe-se que os educandos tinham a tarefa apenas de ouvir, e por este motivo, várias foram as críticas feitas a esta tendência, dentre elas, criticavam que os conhecimentos repassados na escola não possuíam relação com o cotidiano dos alunos, o que interessava de fato era o repasse dos conteúdos por parte dos professores, a memorização por parte dos alunos e um bom resultado dos mesmos nas provas (QUEIROZ; MOITA, 2007).

O que interessava mesmo era o resultado final, o processo pelo qual os alunos tiveram de passar não tinha importância, assim como, aquilo que o mesmo trazia de casa, sua cultura e seus costumes, não eram levados em conta, pois os alunos não precisariam dos conhecimentos que já haviam construído até aí para aprender aquilo que o professor desejava ensinar.

De acordo com esta tendência, o trabalho do educador baseava-se em “[...] imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdos. É o de fazer depósitos de “comunicados” – falso saber – que ele considera como verdadeiro saber” (FREIRE, 2011, p. 88). Educador precisava apenas fazer aquilo que os outros já faziam, ensinar conteúdos que eram exigidos nas escolas, mesmo que estes não interessavam aos alunos. Ele depositava conteúdos nas cabeças dos educandos e não conhecimentos.

Diferentemente desta tendência que valorizava apenas o professor, surge a Liberal Renovada Progressivista, que de acordo com Libâneo (1992, p. 3) “[...] propõe um ensino que valoriza a auto-educação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo”.

Nesta tendência o aluno passa a ser mais valorizado, defende-se a “[...] formação do indivíduo como ser livre, ativo e social” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 6). O professor não repassava apenas conteúdos considerados importantes pela sociedade, mas, estimulava o aluno a buscar aquilo que o mesmo desejava aprender.

Em consonância, Freire (1996, p. 22) afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Esta era a tarefa principal do professor na tendência liberal renovada progressivista.

As autoras Queiroz e Moita (2007, p. 6) destacam ainda que:

Essa tendência retira o professor e os conteúdos disciplinares do centro do processo pedagógico e coloca o aluno como fundamental, que deve ter sua curiosidade, criatividade, inventividade, estimulados pelo professor, que deve ter o papel de facilitador do ensino. Defende uma escola que possibilite a aprendizagem pela descoberta, focada no interesse do aluno, garantindo momentos para a experimentação e a construção do conhecimento, que devem partir do interesse do aluno.

Vem ao encontro, a afirmação de Libâneo (1992, p. 5) em que: “A ideia de "aprender fazendo" está sempre presente. Valorizam-se as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas”. Ou seja, o aluno precisa da prática para aprender, precisa passar por experiências.

Pode-se perceber então que a tendência renovada busca um novo olhar para com os alunos, fazendo com que os professores acreditem mais na capacidade dos mesmos e não deem apenas conteúdos prontos e inquestionáveis, mas sim, conteúdos que instiguem a curiosidade de cada um. Tanto que, “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 1996, p. 88).

A tendência liberal renovada não-diretiva valoriza ainda mais o aluno, o papel da escola foca-se então “[...] na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo esforço está em estabelecer um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo” (LIBÂNEO, 1992, p. 5).

Freire (1996, p. 123) nos diz que “Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento”. Sendo assim, o professor deveria partir daquilo que o aluno já sabia e despertar no mesmo a curiosidade, para que o educando fosse por conta própria em busca do conhecimento.

A partir do momento que o professor consegue despertar a curiosidade do aluno, a aprendizagem passa a ser mais prazerosa e concreta. Para que isto de fato fosse possível, professor e aluno deveriam ter um bom relacionamento. Como escreve Libâneo (1992, p. 6) “[...] o objetivo do trabalho escolar se esgota nos processos de melhor relacionamento interpessoal, como condição para o crescimento pessoal”.

Compreende-se assim que, o docente não precisa apenas ensinar conteúdos, mas garantir um bom relacionamento com seus educandos e priorizando momentos de confiança e afeto, permitindo ao mesmo crescer como ser humano.

Neste viés, os educandos tendem a ter uma formação muito mais rica em conhecimentos quando tem liberdade em sala de aula, para se expressar e participar, sem esquecer-se é claro da autoridade por parte do docente, e todo aprendizado construído acaba sendo o resultado de uma relação em que prevalece o respeito.

Percebe-se então que quando há uma boa relação entre docente e educando, aprender torna-se mais interessante. Na década de 60, outra tendência acaba surgindo, a liberal tecnicista e esta, volta a colocar o professor como centro das aprendizagens, pois o principal objetivo da escola é “[...] de produzir os “produtos” sonhados e demandados pela sociedade capitalista e industrial” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 8).

O tecnicismo exige que o professor apenas transmita as matérias para os alunos e estes por sua vez precisam receber a informação, aprende-la e fixa-la (LIBÂNEO, 1992). Isto porque, como escrevem Queiroz e Moita (2007, p. 8) o professor tem “[...] como tarefa principal à produção de mão de obra qualificada para atender ao mercado, trazendo para os alunos e para as escolas conseqüências perversas”.

Desta maneira, os conteúdos a serem repassados são:

[...] as informações, princípios científicos, leis etc., estabelecidos e ordenados numa sequencia lógica e psicológica por especialistas. É matéria de ensino apenas o que é redutível ao conhecimento observável e mensurável; os conteúdos decorrem, assim, da ciência objetiva, eliminando-se qualquer sinal de subjetividade. O material instrucional encontra-se sistematizado nos manuais, nos livros didáticos, nos módulos de ensino, nos dispositivos audiovisuais etc (LIBÂNEO, 1992, p. 7).

Compreende-se então que na tendência tecnicista, a opinião do educando não era considerada, eles apenas tinham de fixar os conteúdos repassados pelos professores, que baseavam-se em conhecimentos científicos, para então poderem trabalhar para a sociedade da forma que ela desejava.

Mais tarde, surge a tendência progressista libertadora, esta como já diz o próprio nome, garante uma certa liberdade aos educandos, isto porque:

Nesta tendência pedagógica, a atividade escolar deveria centrar-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social imediata. O professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 12).

Os alunos iam em busca de conhecimentos que se relacionavam à realidade vivenciada. As escolas que adotavam a tendência progressista libertadora eram críticas, pois as mesmas tinham como tarefa questionar as relações do homem no seu meio (QUEIROZ; MOITA, 2007).

O professor não possuía total autoridade em sala de aula, pelo fato de que “[...] educador e educandos se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento. O critério de bom relacionamento é a total identificação com o povo, sem o que a relação pedagógica perde consistência. Elimina-se, por pressuposto, toda relação de autoridade” (LIBÂNEO, 1992, p. 10).

Desta maneira, é possível compreender que o conhecimento nada tinha a ver com a memorização, ele baseava-se na busca de conhecimentos para formar a cultura de cada educando. “O homem cria a cultura na medida em que, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre ela e dá respostas aos desafios que encontra” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 13).

Por conseguinte, surge a tendência progressista libertária que foge da autoridade por parte dos professores, pelo fato de que, como afirmam Queiroz e Moita (2007, p.14) “[...] os próprios alunos organizavam seu trabalho escolar. A metodologia vivenciada é a própria autogestão, tornando o interesse pedagógico intrínseco às necessidades e interesses do grupo”.

De acordo com Libâneo (1992, p. 11) nesta tendência “As matérias são colocadas à disposição do aluno, mas não são exigidas. São um instrumento a mais, porque importante é o conhecimento que resulta das experiências vividas pelo grupo, especialmente a vivência de mecanismos de participação crítica”.

A partir disto, percebe-se que cabia aos alunos irem em busca do conhecimento, o professor apenas incentivava e dava conselhos aos mesmos, sempre disposto à ajuda-los. O aluno deveria então refletir sobre a realidade em que vive, entender sua cultura e buscar sua própria libertação.

Desta maneira, percebe-se “[...] a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 26).

Por último e não menos importante, vem a tendência progressista crítico social dos conteúdos ou histórico-crítica, em que, “[...] a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade” (LIBÂNEO, 1992, p. 13).

É uma tendência que de acordo com Queiroz e Moita (2007, p. 14):

[...] prioriza, na sua concepção pedagógica, o domínio dos conteúdos científicos, a prática de métodos de estudo, a construção de habilidades e raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica para fazer frente à realidade social injusta

e desigual. Busca instrumentalizar os sujeitos históricos, aptos a transformar a sociedade e a si próprio.

Poder-se-ia dizer que a educação baseada nessa tendência busca “preparar” o aluno para atuar na sociedade. Libâneo (1992, p. 14) diz ainda que esta pedagogia não parte “[...] de um saber artificial, depositado a partir de fora, nem do saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno”.

Em síntese considera-se que cada uma das tendências pedagógicas possuía suas características e particularidades, algumas boas, outras nem tanto, mas todas influenciaram no processo de ensino aprendizagem atual. Percebe-se que os professores carregam um pouco de cada tendência, adaptando os métodos que irão utilizar em sua sala de aula.

1.2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DOS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO

Com o objetivo de entendermos o verdadeiro papel do professor para com a educação do século XXI, torna-se indispensável refletirmos sobre “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”⁴, descritos por Morin (2002). Este por sua vez, explica os saberes necessários aos educadores para com a educação transdisciplinar que se vive no contexto atual.

Segundo Morin (2002) para conseguirem efetivamente ensinar, os educadores precisam ficar atentos as cegueiras do conhecimento, denominadas de erro e ilusão; nos princípios do conhecimento pertinente; no ensino da condição humana; no ensino da identidade terrena; no enfrentamento das incertezas; no ensino da compreensão; e, na ética do gênero humano.

Preocupado com a educação das crianças e dos adolescentes, o autor não escreveu “[...] um tratado sobre o conjunto das disciplinas que são ou deveriam ser ensinadas: pretende, única e essencialmente, expor problemas centrais ou fundamentais que permanecem totalmente ignorados ou esquecidos e que são necessários para se ensinar [...]” (MORIN, 2002, p. 13).

O primeiro saber descrito fundamenta-se nas cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão. Neste viés, “Erro e ilusão parasitam a mente humana desde o aparecimento do Homo sapiens. Quando consideramos o passado, inclusive o recente, sentimos que foi dominado por inúmeros erros e ilusões” (MORIN, 2002, p. 19).

⁴ Livro que aborda temas fundamentais para a educação contemporânea. Um conjunto de reflexões acerca do desafio cognitivo de todos os pensadores empenhados em repensar os rumos que queremos para nossas instituições escolares (MORIN, 2002).

Todos estamos aptos a errar, e as emoções podem acabar nos cegando, tanto que, em seu livro Morin (2002, p. 20) expõe ainda que:

Poder-se-ia crer na possibilidade de eliminar o risco de erro, recalçando toda afetividade. De fato, o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem nos cegar. Mas é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo.

No processo de ensino aprendizagem, a afetividade necessita estar presente. Tanto que, com o objetivo de detectar os erros e lutar contra as ilusões, está o desenvolvimento do conhecimento científico, mas este por si só pode conter ilusões, pois nenhuma teoria científica está imune ao erro (MORIN, 2002).

Desta maneira, o autor justifica ainda que o erro e a ilusão podem vir tanto do exterior como do interior:

As possibilidades de erro e de ilusão são múltiplas e permanentes: aquelas oriundas do exterior cultural e social inibem a autonomia da mente e impedem a busca da verdade; aquelas vindas do interior, encerradas, às vezes, no seio de nossos melhores meios de conhecimento, fazem com que as mentes se equivoquem de si próprias e sobre si mesmas. (MORIN, 2002, p. 32)

Percebendo que todos corremos o risco de sofrermos com as cegueiras do conhecimento, Morin (2002, p. 33) conclui que “O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez”. Cabe então aos educadores do século XXI, preparar os educandos para viver em um mundo repleto de erros e ilusões, fazendo-os também reconhecerem seus próprios erros, pois como afirma Strieder “O não reconhecimento do erro implica por si só num grande erro” (2002, p. 22).

Nesta perspectiva, é preciso ter um cuidado especial com o erro e a ilusão levando em consideração as novas tecnologias, cada vez mais acessadas pelos educandos e ensiná-los a viver com as modernidades e riscos atuais:

Há um risco permanente de erros e ilusões. Ensinar àqueles que irão se defrontar com o mundo onde tudo passa pelo conhecimento, pela informação veiculada em jornais, livros, manuais escolares, Internet é algo de fundamental importância. É necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são suas raízes e causas. Aqui reside o primeiro buraco negro, o primeiro pilar do que deveria ser uma educação que respondesse às nossas aspirações, não apenas de homens e mulheres do terceiro milênio, mas de seres humanos dos quais temos particularmente necessidade nesse início de milênio (MORIN, 2013, p. 89).

Outro saber necessário a educação do futuro diz respeito aos princípios do conhecimento pertinente, e para que de fato o conhecimento seja pertinente, a educação deve ter um olhar voltado para o contexto, o global, o multidimensional e o complexo (MORIN, 2002).

No que refere-se ao contexto, o autor explica que “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido”. Somente desta maneira, os alunos de fato conseguirão aprender, conhecendo em primeiro lugar o contexto de cada informação apreendida (MORIN, 2002, p. 36).

Por conseguinte, Morin (2002, p. 37) relata que “O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional. Dessa maneira, uma sociedade é mais que um contexto: é o todo organizador de que fazemos parte”. Entende-se assim que por trás do contexto que conhecemos, existem vários outros fatores que, interligados, nos permitem chegar a aquilo que já conhecemos.

Como exposto acima, tanto o ser humano como a sociedade são unidades complexas, e podemos chamá-las também de multidimensionais. Nesta perspectiva, o ser humano é considerado ao mesmo tempo um ser biológico, psíquico, social, afetivo e racional, enquanto que a sociedade é histórica, econômica, sociológica, religiosa, entre outros. Percebe-se assim que o conhecimento não pode isolar uma parte do todo, e é essencial reconhecer este caráter multidimensional (MORIN, 2002).

Ao referirmo-nos ao complexo, entendemos que este é mais um desafio proposto ao conhecimento pertinente. Morin (2002, p. 38) cita que:

[...] há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.

Desta maneira, para que se aprenda o todo, é preciso explorar cada detalhe que faz parte do mesmo, sendo que cada parte possui grande relevância no processo de aprendizagem. É necessário entendermos tudo que se esconde atrás do todo, cada detalhe que teve influência no resultado final, entendendo todo o processo. É por este motivo que o ensino acaba por se tornar complexo.

Para que definitivamente o conhecimento torne-se pertinente, Morin (2002, p. 39) afirma que: “[...] a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global”.

Cabe ao educador estimular a curiosidade de seus educandos, despertando o espírito investigativo de cada um, para que estes de fato possam aprender, percebendo quão inteligentes e capazes são de ir em busca de novos conhecimentos. É através da curiosidade que o educando passa a buscar aquilo que almeja, apreendendo a lidar também com situações problema. Desta maneira, para que entendam efetivamente os princípios do conhecimento pertinente, Morin (2002, p. 48) cita:

[...] para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...

Na educação do século XXI, é preciso ter um olhar especial para a condição humana, pois o ser humano é multidimensional e complexo e precisa conhecer a si mesmo para compreender o mundo em que vive. Os educandos precisam perceber quão importante o ser humano é na sociedade e como seu papel ao longo dos anos foi e continua sendo valioso.

“Ensinar a identidade terrena” é outro saber necessário à educação do século XXI, defendido por Morin. Este é essencial para que os educandos “[...] compreendam tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano [...]” (MORIN, 2002, p. 63). Ou seja, é preciso entender quão importante o ser humano é, como um todo, levando em consideração suas emoções, assim como seu intelectual. Relevante ainda apreender os desafios aos quais o mundo humano está sujeito.

O autor ressalta ainda que precisamos “[...] aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos no planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos” (2002, p. 76). Neste contexto, necessitamos ter um olhar mais abrangente em relação ao mundo em que vivemos, valorizando cada espaço que ocupamos e as pessoas com as quais nos relacionamos.

Morin (2002) destaca ainda a importância deste saber para unir os familiares, as regiões e os países, assim como, o respeito que se deve ter com cada cultura, pois todas possuem suas virtudes, experiências, sabedorias, assim como carências e ignorâncias. Tanto que, tudo que aconteceu no passado serve de lição para que possamos viver nosso presente e futuro, e é

necessário que aproveitemos daquilo que já aconteceu e saibamos lidar com aquilo que ainda está por vir, buscando sempre o melhor para nós e os outros.

Necessita-se ensinar os alunos a valorizar o próximo, tendo uma relação recíproca e saudável. Apenas através de uma relação saudável o ser humano conseguirá sobreviver. A propósito, “os seres humanos são essencialmente seres sociais, instintivamente motivados por uma necessidade de se relacionar. Foram criados para viver juntos, para encontrar um significado e um propósito, interagindo uns com os outros” (CARVALHO, 2015, p. 72).

O quinto saber, diz respeito a “Enfrentar as incertezas”. Se buscarmos entender um pouco de tudo aquilo que aconteceu no passado, perceberemos que alguns imprevistos e incertezas foram responsáveis por evoluções, involuções, progressões, regressões, assim como, várias ideias consideradas boas acabaram sendo rejeitadas devido à incerteza por parte do ser humano (MORIN, 2002).

Segundo Morin (2002, p. 84) no século atual, é necessário “[...] aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento”. O mundo está em constante evolução, e precisamos acompanhar cada passo, sabendo como enfrentar cada incerteza que irá surgir no caminho.

Tanto que, “O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro” (MORIN, 2002, p. 86). Surge aí a importância de, como docentes, estarmos sempre atentos aos erros e ilusões, para que possamos então enfrentar as incertezas que surgem do conhecimento.

Percebendo a relevância de saber enfrentar as incertezas, surge o desafio de “Ensinar a Compreensão”, que não se limita apenas em compreender uma determinada disciplina, mas sim, compreender a condição humana, aprendendo a compreender o próximo, assim como, o grande valor da solidariedade e da moral da humanidade (MORIN, 2002).

Morin (2002, p. 98) destaca:

[...] tanto é o modo de pensar dominante, redutor e simplificador, aliado aos mecanismos de incompreensão, que determina a redução da personalidade, múltipla por natureza, a um único de seus traços. Se o traço for favorável, haverá desconhecimentos dos aspectos negativos desta personalidade. Se for desfavorável, haverá desconhecimento dos seus traços positivos. Em um e em outro caso, haverá incompreensão.

De acordo com o exposto, muitas pessoas sequer conseguem compreender a si mesmas, desta maneira, acabam sendo prejudicadas pelo fato de desconhecerem até mesmo pontos

positivos de si próprias. Deste modo, Morin (2002, p. 102) ainda afirma que: “Compreender é também aprender e reaprender incessantemente”.

Torna-se relevante ressaltar também que:

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro (MORIN, 2002, p. 104).

Os seres humanos precisam aprender a compreender o próximo, assim como as diferentes culturas e individualidades de cada grupo social. Professores necessitam ensinar seus alunos a compreenderem o mundo em que vivem para de fato conseguirem sobreviver.

O sétimo e último saber, nos ensina a importância do saber “A ética do gênero humano”. Precisa-se primeiro saber porque ensinar a ética ao ser humano. É relevante, pelo fato de que ser ético, é ser consciente e ter espírito humano, é saber que indivíduo, sociedade e espécie são inseparáveis e ao mesmo tempo, um é o meio e o fim dos outros. Ser ético é trabalhar pela humanização, respeitar o próximo, ser solidário e compreender a si, o outro e o mundo em que vive (MORIN, 2002).

Compreender a ética do gênero humano é segundo o autor, assumir “[...] à relação entre indivíduo singular e espécie humana como todo” (MORIN, 2002, p. 113). É relacionar-se com o próximo respeitando suas individualidades, sendo ético em cada decisão tomada.

Para finalizar, na situação em que nos encontramos atualmente, a educação precisa ter um olhar mais atento e procurar desenvolver em sala de aula os sete saberes, expostos pelo autor Morin. Faz-se necessário este foco de trabalho, para que seja possível possibilitar aos educandos uma formação cidadã que lhes oportunize viver sem medo, de maneira harmônica os problemas e criando autonomia para criar coisas novas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, torna-se evidente que cabe ao professor estimular a educação humanizadora em sua prática pedagógica, permitindo que seu educando desenvolva-se integralmente e saiba interagir com o próximo, mostrando-se cooperativo e compreensivo.

A partir da pesquisa realizada e de todas as leituras feitas, percebe-se quão relevante é educar para humanizar, permitindo ao aluno ser o centro do processo de ensino aprendizagem, conhecendo-o, percebendo suas fragilidades e seus pontos fortes, proporcionando aulas em que

a teoria e a prática andam juntas, ensinando com amor e carinho, garantindo que os mesmos aprendam de uma forma mais prazerosa e tornem-se cidadãos autônomos, capazes de viver em harmonia com a sociedade.

Compreende-se que a educação passou por várias mudanças ao longo de sua história. No início, as tendências liberais tinham como objetivo conservar a sociedade, ou seja, aprender apenas aquilo que a sociedade considerava relevante, impedindo os educandos muitas vezes de pensar, pois o objetivo principal destas tendências era de memorização e repasse do conhecimento. A medida que foram surgindo as tendências progressistas, o objetivo da educação já foi mudando, isto porque, estas tinham como finalidade proporcionar a igualdade social, ou seja, o aluno passou a ser considerado o centro das aprendizagens, ele deveria ir em busca de seus conhecimentos, precisava criar autonomia e expor suas opiniões, desta maneira, a interação entre educador e educandos tornou-se maior.

Cada uma destas tendências possuía métodos diferentes que influenciaram a educação atual. No século XXI, educadores baseiam-se um pouco em cada tendência e levam para sua prática escolar. Deste modo, é relevante que nos dias atuais, educadores proporcionem alguns saberes para os educandos, pois, os mesmos precisam aprender que todos estamos sujeitos ao erro e a ilusão; que por trás do conhecimento pertinente existem vários princípios que o fundamentam; que precisamos primeiro compreender nós mesmos para assim poder compreender o mundo em que vivemos; que como seres humanos, precisamos valorizar cada espaço que ocupamos no mundo; que vivemos em um mundo onde as mudanças são constantes e por este fato precisamos lidar com as incertezas; que é importante além de conhecer a si mesmo, compreender o próximo, sendo solidário e humano e; que é necessário ser ético, ter consciência daquilo que é certo ou errado e fazendo sempre o melhor para com a sociedade.

Em síntese, destaco que todas as mudanças ocorridas na educação são responsáveis pelo método educacional existente hoje. Este, tem como objetivo proporcionar uma educação mais humana e para que isso aconteça é necessário proporcionar e desenvolver em salas de aula os sete saberes necessários a educação do futuro para que os educandos possam ter uma formação cidadã. Levando estes conhecimentos para a sala de aula, conseqüentemente, os educadores poderão mediar aulas mais prazerosas e garantir a aprendizagem significativa e integral aos educandos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria do Carmo Nacif de. **Relacionamento interpessoal: como preservar o sujeito coletivo**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>>. Acesso em 11 de abril de 2017

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação: As tendências pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

STRIEDER, Roque. **Educação e Humanização: por uma vivência criativa**. Florianópolis: Habitus, 2002.